

BARIANI ORTENCIO

Ilustrações

SÉRGIO PALMIRO

O HOMEM QUE NÃO TEIMAVA



6ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editora: CLÁUDIA ABELING-SZABO

Assistente editorial: NAIR HITOMI KAYO

Suplemento de trabalho: ROSANE LÍMOLI PAIM PAMPLONA

Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Finalização de capa: MAURO MOREIRA

Diagramação: MAURO MOREIRA

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ortencio, Bariani, 1923-

O homem que não teimava / Bariani Ortencio ; ilustrações
Sérgio Palmiro. — São Paulo : Saraiva, 1998. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-02538-7

1. Literatura infantojuvenil I. Palmiro, Sérgio. II. Título. III. Série.

98-0040

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

9ª tiragem, 2017



Av. das Nações Unidas, 7.221 - 2º andar - Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0XX11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.

CL: 810111

CAE: 571376

SUMÁRIO

Vicente Carvalho, 5
Metade mineiro e metade goiano, 8
Micróbios, 9
O homem que não teimava, 10
Não teimava mesmo, não!, 12
Festa de quinze anos, 14
Cadastro de banco, 16
Avião atolado, 19
Essa estrada vai para a cidade?, 21
Pimenta mansa, 22
O animal com o rabo onde teria de ter a cabeça, 24
Remédio ruim pra tosse, 26
O que enxergava muito e o que escutava demais, 28
As caixas estão pesadas?, 30
Isso tudo é frio?, 32
Esposa de Jesus, 33
80 cavalos de força!, 35
Morreu como um passarinho..., 37
Consolando viúva, 38
Sal e algodão, 39
O emplasto, 41
Consulta de graça, 43
Deus está certo, 44
Semáforos, 46



A vaca que conhecia sinais de trânsito, 47
A pinga do compadre, 49
O táxi que voava, 51
O acidente, 52
Perigo de congestão, 53
A pedra de diamante, 54
O profeta, 57
Vencimento de promissória, 60
Cardápio com abóbora, 62
Nada como o que é da gente, 64
Com o Ministro da Agricultura, 66
À guisa de banco, 68
Uma questão de interpretação, 71
A promessa, 72
O mergulhador, 74
Vicente, rábula matreiro, 76
Final, 79



VICENTE CARVALHO

Vicente, quando está no seu sítio, é um roceiro boa-vida que vive no seu canto, calado e matutante, acompanhado do seu indefectível aparato de fazer os intermináveis cigarros de palha. Palhas bem escolhidas, que ele fica horas no paiol separando. Traz sempre, no bolso traseiro da calça, uma cabeça de palha. Palha lambida e entre os dedos, o canivete Corneta com a lâmina gasta, o torete de fumo legítimo de Bela Vista. E haja tempo para Vicente ficar na pachorra, até enrolar o palheiro, dar mais uma lambida para fechar o seu cigarro. Com a binga feita do fruto seco de jequitibá (árvore também conhecida por bingueiro) cheia de algodão queimado, um pedaço de lima de aço para chispar na pedra “fígado de galinha”, pronto, está feito o fogo para o cigarro de Vicente. Soltar uma baforada, tapar o isqueiro, guardar os apetrechos, dar uma olhada para o mundo e... está pronto, apto para enfrentar as vicissitudes do dia.

Foi nessa hora que surgiram dois estudantes e pararam em frente ao seu rancho, onde o sertanejo se achava sentado no seu luzente tamborete.

Esses estudantes estavam de férias, sendo um da capital, convidado de Alcides, que, apesar de ser filho do dono da fazenda, vizinho de Vicente, tinha pouca ligação com ele.

— Bom dia, seu moço — cumprimentou o rapaz falante, de nome Marcolino. Alcides era calado e ficava só reparando. O roceiro tirou o cigarro da boca, olhou para cima, deu uma manjada no sol e respondeu:

— Não será boa tarde, não, seus moços?

— De acordo! Boa tarde, então!

— Boa tarde. Vamos entrar pra dentro, que entrar pra fora não tem jeito...

— Não tem mesmo, não, mas muito obrigado. Nós estamos apenas passando.

— Descansa um pouco. O sol tá muito quente...

— Como é mesmo o nome do senhor?

— Vicente.

— Só Vicente?

— Vicente Carvalho, seu criado...

— Vicente Carvalho?! Não brinca! O grande poeta santista, do *Deixa-me Fonte*?!

Vicente ficou sem saber, mas respondeu:

— Não sou esse, não senhor. Quer dizer, santista até que posso ser, porque sou da igreja dos padres, mas esse outro trem aí, eu não sei o que é, não...

— Ora, não saber quem foi Vicente Carvalho, o genial poeta de *Deixa-me Fonte*!

— Sim, senhor... Não sei, não.

— O senhor não tem família?

— Tenho não, senhor. Vivo só mais Deus...

— Tem água aí pra gente beber?

— Deus me livre se não tivesse. Deixar sem água um chegante é pecado que Deus não perdoa. Vamos entrar pra dentro. Se abanquem, sejam servidos, o pote tá aí no canto. A água foi recolhida de já hoje, tá fresquinha. Podem servir, não se acanhem não. É casa de pobre, mas é tudo limpo.

— Ninguém aqui é acanhado não, seu Carvalho.

— Se não é acanhado, então tem uma perninha no “c”, né?

— Ora, ora, vejam só! O senhor é muito sabido, hein, seu Vicente? Está dando até lição na gente!

— É ... Dando tempo pra gente matutar, dá pra responder nos conformes.

Beberam, elogiaram a água e pediram, também, o que comer, aliás, só Marcolino pediu, que Alcides ficava só com aquela cara de riso:

— Seu Carvalho, a água estava boa, matou a sede, mas água não mata a fome.

— Mata mesmo, não.

— O senhor tem aí alguma coisa pra gente mastigar?

— Tem canjica, que fiz, tirei do fogo *indagorinha*.

— Canjica? Que bicho é esse, seu Carvalho?

— Uai, é canjica, não sabe não?

O filho do fazendeiro, acostumado, continuava a rir. Era a primeira vez que Marcolino, paulista, aliás, paulistano, saía da capital.

— Não sabemos, mas de qualquer forma irá muito bem, porque estamos com a barriga roncando; eu, principalmente.

— Como se diz, “quem tá perdido não escolhe caminho”.

— É isso aí, seu Carvalho! Vamos à canjica, pessoal!

As panelas alumiam de limpas e o roceiro trouxe uma tigela de louça, também reluzente, o que muito animou os estudantes a enfrentarem o prato sertanejo, milho cozido com leite, rapadura, amendoim torrado e socado no pilão. Ao serem servidos, o espirituoso Marcolino perguntou, fazendo cara de desdém:

— O que é mesmo isso, seu Carvalho?

— Canjica. Pode comer que é muito especial de boa.

— Afinal, canjica é feita de quê, seu Carvalho?

— Uai, de milho! Milho cozido.

— Ah, não! O senhor vai me desculpar, seu Vicente Carvalho, mas eu não como milho cozido!

— Uai, então quem vai me desculpar é o senhor, porque o milho cru acabou ainda hoje cedo no trato dos porcos e das galinhas.



METADE MINEIRO E METADE GOIANO

Vicente não é goiano, chegou de Minas ainda rapazinho. Nunca mais voltou, nem para passear, tão bom achou aqui em Goiás. Trabalhou quase sempre na roça, de carregador de boia, de enxadeiro, com salários diários, mensais, empreitos... Perambulou pela cidade fazendo servicinhos de limpa de quintal, foi ajudante de caminhão, toda espécie de biscate que aparecesse, porque o que ele sempre teve foi muita disposição para o trabalho (embora algumas pessoas não achem). Mas o que mais gostava mesmo era da roça. Lá ele se sentia em casa, no seu meio, seu hábitat, gente simples como ele, a companheirada, os pagodes mais animados do que os da cidade, enfim, a verdade entre gente simples. Na cidade, via malandro querendo passar os outros para trás. Em questão de dinheiro, então, nem se fala. O que dá é ladrão enfiando a mão na algibeira alheia, e aí se não tiver dinheiro, batem e até matam a gente. Na roça que é o bom do bom. Melhor não existe.

Vicente sempre teve as suas respostas na ponta da língua, não se sabe se ensaiadas ou mesmo no de repente, intuição. Um dia lhe perguntaram (aliás, deve ter respondido a essa pergunta diversas vezes):

- Vicente, o senhor é goiano ou mineiro?
- Sou metade mineiro e metade goiano.
- Como assim?
- Uai, eu quando vim de Minas pesava 30 quilos e agora tô pesando 60!
- Tá certo...

